

A imagem da mulher cubana nas personagens Criollitas. Uma aproximação à análise semiótica¹.

Lourdes Yamila Quintero Rojas²

Ana Claudia Maynardes³

RESUMO

Este estudo examina as tiras cômicas Criollitas, criadas em Cuba após o Triunfo da Revolução de 1959 com o propósito de apoiar o processo emancipatório feminino. O objetivo principal é a imagem da mulher cubana nas tiras cômicas Criollitas. A pesquisa se fundamenta na análise semiótica de Martine Joly (1994, 2023). Este trabalho contribui para o campo dos estudos de gênero e decoloniais ao analisar as imagens que legitimam práticas discriminatórias e contribuem para a perpetuação das desigualdades sociais.

PALAVRAS-CHAVE

Mulher, tiras cômicas, semiótica, Revolução Cubana

INTRODUÇÃO

A Revolução Cubana de 1959 foi um marco histórico que impactou profundamente a vida dos cubanos. A mulher foi um ator social que ganhou importância significativa nesse processo. A Revolução propôs conquistar a igualdade de gênero, buscando a participação da mulher na vida social, econômica e política do país. Em 1962, as tiras cômicas Criollitas, segundo a escritora e crítica de arte Adelaida de Juan (1980), “encarnaram, de forma leve e constante, as metas necessárias para alcançar a integral libertação da mulher”. O próprio autor Wilson Varela (2006) afirma que elas surgem a partir da criação da Federação de Mulheres Cubanas, que inicia uma luta contra o machismo, contra a

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda. Departamento de Design. Universidade de Brasília-UnB E-mail: lourdesyamila@gmail.com

³ Doutora Professora Adjunto Departamento de Design. Universidade de Brasília-UnB E-mail: anacmay@gmail.com

visão do objeto sexual e doméstico e pela reivindicação do papel da mulher diante das novas tarefas. No entanto, autoras negras cubanas criticaram a representação das Criollitas, considerando que foram representadas de forma sexualizada e com estereótipos sobre a mulher mestiça (Abd'allah-Alvarez, 2013; Herrera, 2021).

Esta pesquisa busca trazer questionamentos e reflexões sobre como as imagens, como produtoras de sentido, configuram valores e crenças. Este estudo busca compreender os paradoxos dos processos sociais que envolveram a mulher cubana, a partir dos anos 60 e como se evidenciaram nas imagens geradas nesses anos. Em especial, busca compreender as representações sobre as mulheres negras e mestiças, que historicamente foram representadas através de estereótipos sexistas e racistas que perpetuam discriminações e exclusões.

Esta pesquisa analisa a representação das mulheres cubanas presentes nos personagens Criollitas para entender em que medida sua mensagem diverge ou reafirma as ideias de igualdade da mulher que a Revolução Cubana promulgou. Para isso, será realizado um estudo semiótico nas tiras cômicas de Criollitas para compreender a coerência nas mensagens ideológicas sobre a igualdade da mulher cubana.

METODOLOGIA

O corpus de análise é a antologia Criollitas, publicada em 1980, que reúne uma seleção dos primeiros 18 anos de publicações de Criollitas. Deste livro, escolhemos uma tira cômica para uma primeira aproximação da análise semiótica. Para a análise, adotou-se o método de Martine Joly (2023), que se baseia na análise retórica da imagem de Roland Barthes (1964). Joly propõe como primeiro passo a descrição da imagem e, em seguida, uma distinção entre mensagem linguística e mensagem visual. Dentro da mensagem visual, analisar os signos plásticos e icônicos, bem como suas mensagens denotadas e conotadas. Depois, passar para a mensagem linguística e analisar suas funções de “ancoragem” e “revezamento”. Esta análise contou ainda com uma abordagem interseccional baseada nas autoras Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021). Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, gênero,

orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária, entre outras, estão inter-relacionadas e se moldam mutuamente.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Criollitas

A Revolução cubana de 1959 marca um marco na história de Cuba e desencadeia um processo de transformações sem comparação na história prévia da nação. A caricatura cubana não ficaria sem receber a influência direta de tais transformações revolucionárias. Embora o personagem já existisse sem um nome definido desde a primeira capa de *Palante*, figura 1, não adotaram o nome Criollitas até outubro-novembro de 1962 (Ramos; Dorta, 2012). Adelaida de Juan (1980) considera que o nome Criollitas foi apropriado porque o termo tem sido uma afirmação da identidade nacional desde a época colonial.

Figura 1 Primeira Capa de *Palante*. 1961



Fonte coleccionescubanas.com

As Criollitas ocuparam um espaço permanente na página onze e, com frequência, foram o tema principal da capa. É notável que o espaço destinado para Criollitas ocupava mais da metade da página, um tamanho muito maior em comparação com outras tiras cômicas

do jornal, o que indica um interesse em destacar esses personagens. Em alguns anos, a tira foi impressa em duas tintas, isso junto com o grande formato resultava em um grande impacto visual. As tiras Criollitas foram publicadas de maneira regular até 2006, mantendo-se ininterruptamente nos meios cubanos por mais de 45 anos.

Os arquétipos de gênero e os estereótipos

Os arquétipos podem ser considerados os ancestrais dos estereótipos atuais. De alguma forma, constituem os vestígios dos modelos prototípicos que estiveram vigentes em culturas primitivas e que chegaram até nossos dias através da mitologia. As narrativas mitológicas gregas ofereceram uma fonte de arquétipos que influenciaram profundamente a cultura ocidental e as sociedades contemporâneas. Através das figuras mitológicas exploram-se temas universais como poder, beleza, rivalidade e amor. Essas histórias não apenas refletem as dinâmicas de gênero e as estruturas sociais da antiga Grécia, mas também ressoam no mundo moderno, revelando como os mitos continuam moldando nossas percepções e valores (Noguera, 2018).

Um dos autores que com mais rigor aprofundou o estudo dos arquétipos é, sem dúvida, Carl Jung. Ana Bozal (1999) refere que Jung chama de imagens arquetípicas aqueles conteúdos do inconsciente do homem moderno, que se assemelham aos produtos da mente do homem antigo. Também comenta como os arquétipos femininos e masculinos tiveram uma grande influência na configuração das identidades de gênero, formando valores que se associam ao positivo ou negativo. O masculino foi representado como luz, sol, ordem, frieza, objetividade, razão, agressividade, combate, violência, transcendência etc., enquanto o feminino foi associado a intuição, noite, sombra, interioridade, natureza, sentimento, paixão, caos, receptividade, suavidade etc. Nas mitologias, encontramos exemplos de mulheres que, como Eva, Guinevere e Medeia, com seus ciúmes, invejas, luxúrias e vaidades, foram a causa da ruína de grandes homens e impérios. Em oposição, o arquétipo de virgem e mãe, de esposa fiel como Penélope, oferece visões da mulher como um sujeito que se rende à força e amor da figura masculina.

Essas bases arquetípicas desenvolveram-se teorias das consequências das diferenças biológicas entre homens e mulheres, cuja principal função foi a justificação das discriminações existentes.

As ideologias sexistas e racistas das elites configuram a visão do mundo até se tornarem ideias hegemônicas, percebidas como naturais e inevitáveis. Nesse contexto, geraram-se imagens negativas e estereotipadas sobre as mulheres negras para justificar sua opressão. Essas representações, segundo Stuart Hall (2010), exercem uma forma de violência simbólica ao reduzir, naturalizar e fixar diferenças entre o que se considera “normal” ou “aceitável” e o “pervertido”, “patológico”. Dentro dos estereótipos, encontramos o imaginado e fantasiado, que é percebido como “real”. O fetichismo é parte dessa fantasia e consiste em substituir por um objeto aquilo que não pode ser mostrado.

Patricia Hill Collins (2019) afirma que a escravidão nos Estados Unidos fomentou a criação de várias imagens sobre a mulher negra, como as *Mammies* e as Jezebel. A *mammy* é a mulher negra fiel, servil e obediente, representando o padrão normativo para avaliar o comportamento das mulheres negras em geral. A jezebel, por outro lado, foi caracterizada como possuidora de um apetite sexual desmedido, o que servia para justificar os abusos sexuais sistemáticos por parte dos homens brancos. Para a autora bell hooks (1989), fazer com que as mulheres negras trabalhem como “a mula do mundo” é uma forma de objetivação e constitui o núcleo da opressão. Chamar as trabalhadoras domésticas de “meninas” é tratá-las como se fossem menos capazes. Esses binarismos representam relações estáveis de hierarquias, de superioridade e inferioridade, onde os brancos governam os negros, os homens governam as mulheres, os sujeitos governam os objetos.

A Igualdade da Mulher e a Revolução Cubana de 1959

Nos anos 60, começa no Ocidente o que foi qualificado como “revolução sexual”. Segundo Rosa Cobo (2015), por trás dessa ideia tentou-se combater os códigos que regem a conduta sexual da época. No entanto, algumas críticas apontam que a liberdade sexual para mulheres e homens se manifestou de forma diferente, enquanto para os homens significou a liberdade sexual mesmo fora do casamento, para as mulheres se expressou como disponibilidade sexual para seus companheiros. A família, como instituição heteropatriarcal e a heterossexualidade, mantém as relações de poder e desigualdade entre homens e mulheres, assim como a violência sexual. Nesses anos, exaltar-se-á o modelo

sexual feminino sob os interesses masculinos e capitalistas, que têm como eixo central a mercantilização dos corpos femininos e que se evidenciou no auge da pornografia e da prostituição. A postura feminista desses anos propunha a apropriação do corpo da mulher para elas mesmas e não como desenhado para uso dos homens. Entendeu-se o corpo como uma linguagem, uma narrativa, portanto, um ato de poder.

Em 1959, entram em Havana os Barbudos e chegam ao mercado as Barbies, uma estranha coincidência que Luisa Campuzano (2014) cunhou como “*Barbies e Barbas*”. Esses fatos têm consequências para o estudo da mulher. Nos Estados Unidos, o surgimento da imagem feminina de plástico deu lugar à “segunda onda” feminista, no entanto, em Cuba, a mulher foi concebida como parte integrante da Revolução. Portanto, no primeiro caso, a discussão se situa na compreensão da desigualdade entre o homem e a mulher, o sistema gênero-sexo, e no caso de Cuba, essa desigualdade é considerada parte da luta de classes. A autora Anaeli Ibarra (2018) aponta que a incorporação da mulher à Revolução desde uma visão marxista expôs uma problemática, porque a pensou como sujeito de classe, vítima de uma opressão única e anulou outros elementos que atravessam a opressão patriarcal: raça, etnicidade, religião, sexualidade. Portanto, duas características significativas dessa etapa foram a invisibilização dos temas raciais e o explícito rejeição à homossexualidade.

As políticas nacionais destinadas ao empoderamento das mulheres e à igualdade de gênero incluíram medidas como a campanha contra o analfabetismo, a implementação de educação gratuita e universal, e a provisão de atenção médica integral, os serviços estatais de cuidado infantil para mães trabalhadoras, assim como a garantia de igualdade na remuneração. Também Cuba foi o único país latino-americano onde a interrupção voluntária da gravidez dentro do primeiro trimestre de gestação é legal, segura e gratuita desde 1965.

Apesar dos inegáveis avanços das mulheres na sociedade nesse período, alguns autores apontam que não houve uma intenção real do estado em estabelecer uma verdadeira equidade (Fleites-Lear, 1996; Guerrero, 2020; Holgado, 2020). Segundo Marisela Fleites-Lear (1996), a pretendida igualdade da mulher em um sistema patriarcal foi uma contradição inerente, gerando diferentes fenômenos sociais paradoxais.

A Federação de Mulheres Cubanas considerou que não havia necessidade do feminismo. A presidente da FMC, Vilma Espín, expressou publicamente a falta de simpatia por esses movimentos no final da década de 1970 (Fleites-Lear, 1996). O governo, ainda em datas recentes, deslegitima os assuntos referentes às desigualdades de gênero, raça e orientação sexual, entre outros, e os rotula como campanhas provenientes dos Estados Unidos para desestabilizar o governo.

Segundo Roberto Zurbano (2015), o socialismo é capaz de criar seu próprio colonialismo interno, que oprime e exclui certos grupos, de maneira consciente ou não. É devido à imposição de um marxismo dogmático que se desconsidera a categoria raça na ilha e se estigmatizam as demandas raciais que foram acusadas de dividir a classe trabalhadora e colocar em perigo a unidade nacional. Essa cegueira ideológica por parte do estado cubano, e uma confiança plena de um sujeito negro revolucionário no processo político cubano, fizeram com que o privilégio branco não fosse questionado e se renovasse, mantendo as estruturas racistas que se reproduzem na educação, nos meios de comunicação de massa e nas leis.

Embora na primeira etapa da Revolução o racismo tenha tido poucas oportunidades de se manifestar no âmbito público, ele se ocultou nos espaços privados e nas relações interpessoais (Morales, 2002, 2012; Zabala, 2008). A naturalização das práticas racistas em Cuba também está relacionada com o que se chamou de “democracia racial cubana” (De la Fuente, 2014) e foi um mito criado a partir da ideia de que a Revolução acabou com os problemas raciais na sociedade cubana. Segundo Barbara Oliveira (2015), dessa forma, pensou-se que as oportunidades eram iguais para todos, portanto, negando o caráter sistêmico e estrutural do racismo.

ANÁLISE

Imagem 1. O trabalho voluntário agrícola

Descrição

Na figura 2 podemos observar duas mulheres trabalhando, canas cortadas. Ao fundo, as montanhas, palmeiras e o sol.

Figura 2 Livro Criollitas, Wilson Varela p.16 1980



Fuente: coleccionescubanas.com

Signos plásticos

Podemos observar que a ilustração é monocromática, utilizando apenas o branco do papel e a tinta preta. O design das figuras é plano, usando para o contorno das figuras linhas moduladas. A construção da página é neutra, prescinde da perspectiva buscando imediatismo na mensagem, embora apresente um enquadramento oblíquo que dá certo dinamismo. Apresenta um plano médio buscando expressar o contexto dos personagens. O uso do sombreamento é utilizado para representar texturas e cores das roupas. As gotas de suor representam cansaço, calor. Apesar de ser uma tira cômica, não apela tanto à deformação excessiva da caricatura. Porém evidencia-se uma deformação no design do corpo da mulher que está em segundo plano, ao desenhar os quadris estreitos e nádegas proeminentes, denotando traços associados aos corpos femininos, fundamentalmente os mestiços. O design largo dos lábios denota sensualidade, assim como a espessura da linha dos cílios denota maquiagem e conota vaidade. Observa-se na página uma ênfase com os

pedaços de cana cortados, que ocupam quase um terço ou mais da composição, denotando que o tema principal da mensagem é a safra açucareira.

Signos icônicos

O signo icônico mulher é descodificável pela conotação dos signos plásticos antes descritos, como o design do corpo, da boca, cílios. O uso de um lenço na cabeça com padrões florais é um signo icônico que reforça o signo feminilidade. A postura que a mulher ocupa, mostrando as nádegas para o espectador, denota uma entendida beleza do corpo feminino e, ao mesmo tempo, conota a fantasia do prazer masculino através dessa fascinação por nádegas grandes, segundo bell hooks (2019). Note-se que também ocupa a parte central da página. Os grandes olhos, a maquiagem se associa aos cânones de beleza, mas a forma de olhar aumenta sua significação para uma forma de provocação. As roupas compostas por uma camisa de mangas longas, calça, luvas e chapéu denotam roupa de trabalho, mas estarem ajustadas ao corpo aludem como segunda mensagem à fantasia do homem de que a mulher nunca deixe de mostrar os signos de sexualidade, mesmo usando roupas consideradas masculinas. A ação de estar carregando grandes e pesados fardos de cana transmite força. A expressão de sorriso dá outros significados como alegria e satisfação. O sol e a posição no meio do céu sugerem que estão trabalhando durante as horas mais quentes do dia.

O tema faz referência à safra nos anos 70, onde o Governo colocou todas as suas forças para levantar a economia. Para isso, paralisaram-se outras indústrias e mobilizou-se a maior quantidade de pessoas para este setor. Este contexto histórico nos permite compreender que esta imagem é uma convocação para que a mulher se incorpore à safra, embora como segunda mensagem possa estar dirigida também ao esposo que deve aprovar e permitir que sua esposa se ausente da casa por alguns dias ou por longos períodos.

Mensagem linguística

Devido ao caráter polissêmico da imagem, o texto ajuda a compreender qual é a intenção da imagem. Neste caso, o texto: “- É questão de prática, não me canso de carregar fardos

de cana, porque bastantes fardos de roupa lavei antes de ter minha máquina de lavar!” Embora apresentado em forma de legenda, são as palavras de um dos personagens, portanto, teria uma função de revezamento.

No aspecto plástico, o texto está impresso em letras pequenas e se encontra localizado na parte inferior da mensagem. O autor faz um jogo de palavras entre “fardos” de cana e de roupa, colocando em evidência que as mulheres precisam de força física no lar, portanto, poderiam assumir tarefas pesadas fora do lar também.

RESULTADOS PRELIMINARES

Em relação à expectativa de que as tiras cômicas Criollitas transmitissem a mensagem de igualdade de gênero das mulheres cubanas, compreendemos que os pontos a seguir são relevantes para esse entendimento.

Sendo as Criollitas uma publicação supostamente dirigida a liberar as mulheres, no entanto, a linguagem da história em quadrinhos é majoritariamente para os homens. O que confirmaria que a sexualização nas Criollitas foi um ato consciente de atrair o público masculino, talvez com a intenção de remover condutas patriarcais, mas que terminaram reforçando as fantasias de prazer sexual do homem que objetifica o corpo para poder dominá-lo. Essa mulher que se constrói como provocadora e incitadora de sexo justificaria os abusos sexuais por parte de uma sociedade machista.

As Criollitas permitem reconstruir eventos relacionados com esses primeiros anos de Revolução e entender as mensagens ideológicas enraizadas na cultura patriarcal e colonial cubana, que não se apagou com o Triunfo da Revolução. O profundo conteúdo ideológico das histórias em quadrinhos demonstra que foram outro mecanismo de persuasão para que homens e mulheres se somassem às tarefas produtivas que o Governo precisava. Um mecanismo muito efetivo se levarmos em conta que são mensagens diretas, sem complexidades na narrativa. O uso de personagens caricaturescos simplifica as características para torná-las decodificáveis mais rapidamente, assim como o componente humorístico que ajuda a que essa ideia penetre de uma maneira divertida e leve.

REFERÊNCIAS

- Abd'allah-Alvarez, Sandra. Un comic para la belleza negra. Diciembre 2013.
Disponível em: <https://negracubanateniaqueser.com/2013/12/11/un-comics-para-la-belleza-negra/> Acesso em: agos. 2024.
- Bedia, Rosa Cobo. El cuerpo de las mujeres y la sobrecarga de sexualidad.
Investigaciones feministas, v. 6, p. 7-19, 2015.
- Bozal, Ana Guil. El papel de los arquetipos en los actuales estereotipos sobre la mujer.
Comunicar, n. 12, 1999.
- Campuzano, Luisa. Estudios de la mujer en Cuba: Proyectos grupales. Panel organizado por Reiss, Bárbara D. En: Asociacionismo y redes de mujeres latinoamericanas y caribeñas. La Habana: Fondo Editorial Casa de las Américas. Cuadernos Casa no. 51, 2014.
- Collins, Patricia. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- Collins, Patricia; Bilge, Silma. Interseccionalidade. Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo 2021
- De Juan, Adelaida. Prólogo de Criollitas. Wilson Varela. La Habana: Pablo de la Torriente Brau, 1980.
- De la Fuente, Alejandro de la. Una Nación para Todos. La Habana, Ed. Imagen Contemporánea, Casa de Altos Estudios Don Fernando Ortiz, 2014.
- Espín, Vilma. “La batalla por el ejercicio pleno de la igualdad de la mujer: Acción de los comunistas,” Cuba Socialista 6, 27-68, 1986.
- Fleites-Lear, Marisela. Paradojas de la mujer cubana. Nueva sociedad, v. 143, p. 41-55, 1996.
- Guerrero, Alejandra. La paradoja de la representación en Cuba: un análisis con enfoque de género. Em Cuba en breve: datos y relatos de una Revolución desencantada. Sergio Angel y Stephany Castro (Coord.) Bogota: Universidad Sergio Arboleda. p.33-45, 2020.

Herrera, Alina. Lo personal es político. Abril de 2021. Disponible en:
<https://lopersonalespolitico.es/mujeres-afrodescendientes-y-medios-de-comunicacion-en-cuba/606/> Acceso en: agos. 2024.

Holgado, Isabel. ¡No es fácil! Mujeres cubanas y la crisis revolucionaria. Barcelona: Icaria 2000

hooks, bell. Talking Back: Thinking feminist, thinking Black. Boston: South End, p.42, 1989.

hooks, bell. Olhares Negros: raça e representação. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

Ibarra, Anaeli. Mujer y nación en Cuba: entre la norma y la performatividad del sujeto. Política y cultura, n. 50, p. 149-175, 2018.

Joly, Martine. Introdução à análise da imagem, 14 ed Campinas SP: Papirus 2023.

Morales, Esteban. La problemática racial en cuba. Algunos de sus desafíos. La Habana: José Martí, 2012

Nogueira, Renato. Mulheres e Deusas: Como as Divindades e os Mitos Femininos Formaram a Mulher Atual. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018

Ramos, Fernando; Dorta, Juan. Criollitas: las eróticas chicas de Wilson. Revista Signos, n. 63, p.57-74 2012.

Varela, Wilson. Las criollitas de Wilson. Complejo, ¿una caricatura? Confesiones de un dibujante luego de unas cuantas «taimadas» y tangenciales provocaciones. Entrevista concedida a Jorge Sariol. Habana: Alma Mater No 434 p.3, 2006.

Zabala, María del Carmen. Análisis de la dimensión racial en los procesos de reproducción de la pobreza: el rol de las políticas sociales para favorecer la equidad social en cuba. Pobreza, exclusión social y discriminación étnico-racial en américa latina y el caribe. Bogotá: siglo del hombre/Clacso 2008.

Zurbano, Roberto. Racismo vs. Socialismo en Cuba: Un conflicto fuera de lugar (apuntes sobre/contra el colonialismo interno). Meridional revista chilena de estudios latinoamericanos n. 4 p. 11- 40, 2015.